

Finais felizes a nossa maneira

“Olá a todos, tenho 40 anos e nasci com paralisia cerebral. Não consigo falar, mas adoro conversar. Para conversar utilizo a minha tabela de comunicação e meu iPad com símbolos. Acreditem, não fica nada por dizer. Prontos para ouvir a história?”

É desta forma que Sandra – utente da Associação de Paralisia Cerebral da Madeira (APCM) – se apresenta aos alunos das escolas primárias aonde vai, precisamente, para contar histórias.

Recorre aos símbolos pictográficos (uma tabela com desenhos que representam objectos ou conceitos, um pouco à semelhança do que acontece com a linguagem gestual) e à tecnologia (um tablet com um sistema de comunicação aumentativa e alternativa com voz sintetizada) para lhe dar a ‘voz’ que ela não tem.

“Em termos cognitivos, a Sandra é uma pessoa perfeitamente normal. Só não fala, mas comunica muito bem”, realça a vice-presidente da Associação de Paralisia Cerebral da Madeira (APCM), Cristina Andrade.

Foi neste sentido que surgiu o projecto ‘Contadores de Histórias’, para “mostrar à população em geral, começando pelos miúdos, que a paralisia cerebral é uma condição essencialmente motora”, e que “ter paralisia cerebral não é sinónimo da vida acabar. Dentro das suas limitações – e todos nós temos [limitações] – eles conseguem realizar-se”, explica a responsável.



À chegada do DIÁRIO, toca com o dedo num dos símbolos do ‘grid’ instalado no seu iPad, e uma voz sintetizada feminina diz “bem-vinda”. Passadas as apresentações, repete o processo e declara “estou pronta”, dando a entender que responderia às nossas perguntas como, de resto, responde, às muitas que as crianças lhe costumam colocar nas deslocações à escola.

“Como é que comes?”, “Como é que dormes?”, “Como é que vais à casa de banho?”, são algumas delas e a Sandra solta um risinho ao recordar esses momentos, que geralmente acontecem depois de contar a história propriamente dita e que também são repletos de manifestações de afecto.

Além dos habituais abraços, beijinhos e oferta de desenhos, Sandra conta (apontando para os símbolos da tabela de comunicação) que foi no seu aniversário que recebeu o ‘gesto’ que mais a marcou: a oferta de uma rosa, que a levou às lágrimas (aqui dispensa o tablet e faz o gesto de uma lágrima a descer pelo rosto).

Tudo isto começou em meados de 2014/2015, nas sessões de terapia da fala. A primeira apresentação pública, com a história d’O Patinho Feio’, aconteceu nos Armazéns do Mercado, no Funchal. Hoje, têm inclusivamente uma parceria com Câmara Municipal e fazem parte do Projecto Educativo 2019/2020 do Município, realizando uma sessão mensal na Biblioteca Municipal.

“Temos tido uma procura tal que, este ano, na semana da deficiência, já não temos vagas”, refere Cristina Andrade.

A par da Sandra, o projecto conta com outro contador de histórias, o Sérgio – 27 anos e sorriso rasgado – que se ocupa dos alunos do 1.º ciclo, enquanto a Sandra conta histórias ao pré-escolar. Além dos contadores, neste projecto estão envolvidas uma terapeuta da fala, terapeuta ocupacional e técnica de educação, que ajudam a preparar as histórias e que acompanham os contadores às escolas.

“O Sérgio tem também outro papel, que é contar histórias aos utentes que nós temos acamados aqui do lar”, acrescenta a vice-presidente da APCM e coordenadora do projecto.

“Aqui nesta casa nem sempre se verbaliza, mas comunicamos sempre”, assegura. E reforça: “A instituição tem mesmo esse papel de valorizá-los naquilo que eles fazem, não naquilo que eles não fazem (...) Mesmo nos jovens que estão acamados temos de arranjar sempre uma forma de comunicar, seja ela qual for e independente-

mente da capacidade do utente”.

“És feliz?”, é outras das perguntas que surge com frequência nas visitas às escolas. Atrevemo-nos a coloca-la de forma genérica: “É uma casa feliz?”

É António José, outro dos utentes presentes na sala, quem responde: “Tentamos ser felizes à nossa maneira”.



In “Diário de Notícias”